

# CURTAS



Foto: divulgação

*Nham-Nham, a criatura*

**NESTA SEÇÃO**, trazemos relatos do processo de criação e de produção de cinco curtas-metragens realizados com o apoio de editais da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAV/MinC) nos últimos anos. Três participaram do Edital Curta Criança 2013, que fomentou filmes com temática infantil; um do Curta Afirmativo 2012, direcionado para produtores e diretores negros; e um do Edital Carmen Santos Cinema de Mulheres 2013. Essas obras estão agora finalizadas e ganhando espaço no circuito de festivais. Conheça um pouco sobre essas produções para crianças.

## QUEM NÃO TEM CÃO: O COTIDIANO INFANTIL ENTRE O MELANCÓLICO E O CÔMICO

### PEQUENOS CONFLITOS

**QUEM NÃO TEM CÃO** foi meu primeiro roteiro sobre o universo infantil, e os desafios não foram poucos. Para mim, era fundamental que o discurso abordado no filme não se construísse de forma didática ou subestimasse a capacidade da criança em absorvê-lo e senti-lo dentro da narrativa. Por isso, procurei desenvolver uma história em que as personagens se movimentassem entre a leveza e a ingenuidade características da criança, mas sem perder de vista a sua capacidade de perceber, sentir e sofrer com as adversidades de sua realidade. Pensando nisso, construí a narrativa por meio de pequenos conflitos que se tomam grandes a partir da visão de mundo de Marina, a protagonista do filme. É justamente na forma como ela se movimenta para solucionar esses conflitos que surge a comicidade de suas falas e ações. Mas é também nesse mesmo movimento que se evidenciam a solidão e o isolamento que sua infância trancada entre as paredes de um apartamento carrega.

Nesse limiar entre o melancólico e o cômico acredito ter encontrado uma forma de trazer o peso do discurso do filme sem perder leveza. Precisei deixar de lado minha cabeça de adulta, procurando olhar para a história com um olhar de criança. Isso foi, para mim, o mais interessante desse processo todo, pois me deu a possibilidade de escrever pensando nas minhas próprias referências infantis, lembrando-me de como eu mesma olhava o mundo quando criança.

**MARIA AUGUSTA V. NUNES**, roteirista

FOTO: DIVULGAÇÃO



**QUEM NÃO TEM CÃO**  
FICÇÃO | 13 MIN | 2015

*Selecionado no Edital Curta Criança de 2013*

**SINOPSE:** *Quem não tem cão* é uma comédia de cotidiano, com tons de melancolia, livre, para todos os públicos. Conta a história de Marina, uma menina de dez anos que quer muito um animal de estimação, não se contentando com o peixe que ganhara de sua mãe. Marina passa os dias trancafiada dentro do apartamento, vendo TV com Cláudia, uma babá pouco convencional, e Viní, seu vizinho de oito anos. O peixe acaba influenciando nas relações entre essas pessoas, pois, por algum motivo inexplicável, deixa todos nervosos. É nesse contexto que podemos observar os personagens tendo que se virar com aquilo que têm, arrumando soluções improvisadas – e paliativas – para lidar com os pequenos problemas do dia a dia.



Foto: D. MIT LEAÇÃO

## HISTÓRIA PARA DIVERSOS PÚBLICOS

**FIQUEI ENCANTADA** com o roteiro desde a primeira vez que o li. Trabalhei-o junto com a Maria Augusta e chegamos a uma versão que nos agradou bastante, considerando o desafio de escrever uma história que interessasse crianças e adultos. Um dos desafios da direção foi trabalhar com atrizes não profissionais e atores bem iniciantes (caso das crianças). Fizemos muitos ensaios, e procurei compartilhar com eles como eu via o objetivo de determinada cena ou ação, fazendo com que entendessem o porquê daquele gesto dentro da narrativa.

Outro desafio foi rodar em um espaço bastante limitado, tanto para a equipe em geral quanto para a câmera e som direto – tivemos dificuldade com recuo e profundidade de campo, assim como com a angulação do microfone. Eu também montei o filme, e a maneira com que dirigi ajudou muito, pois vários momentos foram aproveitados porque a câmera ficou ligada e os atores não saíram da cena. Quem me conhece sabe que trabalho também para esses momentos e que, geralmente, os aproveito até o corte final.

## APARTAMENTO COMO PERSONAGEM

**RETRATAR A INFÂNCIA** de um modo mais contemporâneo – *a criança de prédio* – poderia provocar uma reflexão importante e pouco vista no cinema brasileiro. Para isso, a ambientação demandava uma locação que parecesse pequena (pois o apartamento em si era uma personagem nesta história), porém que pudesse receber toda a estrutura para as filmagens, além de ter as dimensões necessárias para as escolhas fotográficas e *mise-en-scène* planejadas.

A locação encontrada sofreu fortes intervenções, muito bem executadas pelo diretor de arte Dicezar Leandro. O processo durou uma semana: pintura, tratamento do piso, envelhecimento de paredes e montagem dos cenários. De gravação propriamente dita, foram três dias no calor do verão de Florianópolis, com 20 pessoas em um apartamento apertado, o que fez aproximar a realidade da equipe à situação das personagens do filme.

**CAROL GESSER**, proponente do projeto e produtora

Sobre a difusão do filme, *Quem não tem cão* acabou integrando mostras infanto-juvenis dos principais festivais brasileiros, como o Curta Cinema e o Kinoforum. Foi exibido também em festivais exclusivos para esse público, como a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis e o Festival Primeira Janela. No Goiânia Mostra Curtas e no FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul), foi exibido na mostra principal, o que corrobora o que dissemos sobre o público do filme: geralmente, adultos e crianças se identificam com a história e acabam conversando, depois das sessões, sobre suas próprias experiências. O filme foi licenciado para o Canal Brasil, onde encontrará um público ainda mais diverso. Por fim, quero ressaltar a relevância do Edital Curta Criança – cuja última edição foi lançada em 2013 –, pois é fundamental atuarmos na formação do público infanto-juvenil se realmente quisermos pensar o audiovisual como agregador e difusor de cultura e, também, como mercado.

**CINTIA DOMIT BITTAR**, diretora, produtora e montadora



## O MONSTRO ESTÁ VIVO

**EM 2008, MEU AMIGO** Jean Albernaz me mostrou o roteiro do filme *Nham-Nham, a criatura*. Achei a história bonita e fiquei interessado em fazer o filme acontecer, mas logo *Onde vivem os monstros* foi lançado e acabamos deixando a história de lado, pois pensamos que, se produzíssemos *Nham-Nham* naquele momento, ele poderia ficar ofuscado ou ser tachado de oportunista. Foi a melhor decisão. Alguns anos depois de ter conhecido meus parceiros de trabalho e fundado a Novelo Filmes, retirei o projeto da gaveta e apresentei-o para eles, que receberam o monstinho com paixão.

O próximo passo foi preparar um orçamento e buscar financiamento. Isso se mostrou difícil, pois não tínhamos ideia de como faríamos o monstro criar vida. Computação gráfica? *Animatronic*? Tudo nos parecia complicado, caro e muito frio. A solução veio ao contrário. Após o projeto ser premiado no Edital Curta Criança da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAv/MinC), nós sabíamos quanto teríamos para produzir o filme (R\$ 60 mil).

**NHAM-NHAM, A CRIATURA**  
FICÇÃO | 13 MIN | 2015

*Selecionado no Edital Curta Criança de 2013*

**SINOPSE:** Certa noite, Lucas escuta um barulho estranho vindo de seu armário. Nham-Nham, um urso de pelúcia desfigurado, sai de lá e quer avidamente os desenhos que Lucas faz em seu diário, rabiscos do que acontece em seu dia a dia. O que Lucas não esperava é que sempre que seu novo amigo come as deliciosas folhas de seu diário, as lembranças ali desenhadas são apagadas de sua memória. Assim, Lucas passa a apagar tudo que quer esquecer, deixando Nham-Nham devorar seus desenhos/pensamentos. No entanto, ele descobre que apagar memórias pode ser perigoso.

Entramos em contato com a diretora de arte Lize Borba, que desenhou o monstro e deu uma “cara” para ele. Depois veio o aderecista Victor Akkas, que já havia trabalhado com a Novelo Filmes no curta *O tempo que leva*, da Cíntia Domit Bittar. Victor fez mágica com isopor e tapete, transformando a imaginação da Lize em uma roupa que seria usada por um ator e uma cabeça controlada hidráulicamente.

Tínhamos um monstro! *It's alive!*

Logo começamos os testes de elenco para achar o garoto Lucas, mas a solução estava mais próxima do que eu podia prever. Em um churrasco entre amigos, o Davi apareceu com um DVD do filme *Senhor dos anéis* e, ao assistir ao filme com ele, notei que ele sabia todas as falas de cor. Avisei a Viviana, mãe dele, sobre o teste de elenco e, logo nos primeiros minutos do teste, sabia que ele seria o Lucas.

Em paralelo, havíamos entrado em contato com a Raquel Stüpp para o papel da mãe do Lucas. Raquel era a primeira opção para o papel, mas não bastava convidá-la. O papel tem um pequeno “detalhe”: o rosto da mãe não aparece em quadro, e alguém com um ego mais delicado não entenderia a proposta. Felizmente, a Raquel não tem esses melindres. Atriz sensacional que é, logo entendeu que era isso que o filme pedia e topou fazer parte da loucura toda.

Então, convencemos os amigos Alan Langdon e Sansara Buriti a emprestarem a casa deles para as filmagens. Isso ajudou muito, pois a casa era perfeita para o filme e grande o suficiente para abrigar toda a equipe e equipamentos durante os dias de filmagem, o que ajudaria a reduzir os custos de transporte da equipe.

Agora era ensaiar. Foi aí que tivemos problemas.

Uma semana antes de começamos as filmagens, uma triste notícia me abalou: meu avô havia falecido. Minha família é de Campo Grande (MS) e eu tive que ir ao fu-

neral. Foi intenso e difícil, mas felizmente o assistente de direção, Will Martins, continuou os ensaios com os atores nos dias em que estive fora e não precisamos adiar as datas de filmagem.

As gravações começaram em 18 de novembro de 2014 e duraram três dias. Em geral, filmávamos das 3h da tarde às 3h da manhã, pois tínhamos muitas cenas noturnas. Filmar com crianças à noite geralmente dá problemas, mas o Davi tirou de letra. Logo após as gravações já começamos o processo de pós-produção. O nosso DIT/logger (*digital image technician*, profissional responsável pelo armazenamento, qualidade e segurança do conteúdo audiovisual captado digitalmente), Alessandro Danielli, também foi o editor do filme, o que acelerou o processo.

O filme ficou pronto no início de 2015, mas optamos por estreiar na Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, em junho. Na estreia, ele foi ovacionado e acabou ganhando o Prêmio Especial das Crianças. Depois, o *Nham-Nham* seguiu carreira nos festivais, sendo exibido em mais de 30 pelo Brasil e ganhando os prêmios de melhor filme no Festival Primeiro Plano de Juiz de Fora (MG), Menção Honrosa no Cinefantasy - Festival Internacional de Cinema Fantástico, em São Paulo, e até em festivais internacionais, como o AleKino, na Polônia, e o CMS - International Children's Festival, em Ludlow, na Índia.

É quase impossível mensurar a importância dos mecanismos de financiamento para curtas-metragens infantis como o Curta Criança. A produção de audiovisual infantil no Brasil é extremamente difícil com eles, principalmente fora de grandes capitais, como é o nosso caso, em Florianópolis. É importante também que se dê seguimento a esses investimentos em curtas, com apoio para longas e séries, sejam animação ou *live-action*. Nossas crianças agradecem.

**LUCAS DE BARROS** é sócio-fundador da Novelo Filmes e diretor do curta-metragem *Nham-Nham*, a criatura, selecionado no Edital Curta Criança, de 2013.



## BÁ: FAMÍLIA, AMOR E OS CICLOS DA VIDA

**DESDE PEQUENO, SEMPRE TIVE** uma relação muito próxima com minha avó matema, minha Bá (de *Batchan*, como os nipo-descendentes costumam chamar suas avós no Brasil). Depois do falecimento do meu avô, e com a idade da Bá avançando, minha família percebeu que ela já não podia mais morar sozinha. Mas com quem ela iria morar? Qual o impacto dessa mudança na vida dela e dos demais integrantes da família? Essas questões foram a inspiração inicial para o roteiro do curta-metragem *Bá* (2015). O filme traz a história do menino Bruno, de cinco anos, que vê sua vida mudar quando sua avó é trazida para morar em sua casa. O novo arranjo dos cômodos da casa faz Bruno perder os espaços que antes tinha só para si, como seu quarto e o quintal, onde todos os dias jogava futebol. Se a princípio a chegada dessa “invasora” lhe causa incômodo, aos poucos a Bá vai introduzindo o menino ao seu mundo e ao enorme jardim que trouxera com a mudança. Essa aproximação entre avó e neto finalmente transforma o incômodo e as dificuldades iniciais em aceitação e afeto.

BÁ  
FICÇÃO | 14 MIN | 2015

*Selecionado no Edital Curta Criança de 2013*

**SINOPSE:** O menino Bruno é obrigado a lidar com as mudanças que ocorrem em sua vida quando sua “Bá” (de “Batchan”, avó em japonês) é trazida para morar em sua casa.

Da mesma forma que ocorreu em minha família, as personagens do filme se veem divididas entre o amor familiar e o ressentimento por conta da sensação de dever e obrigação inerente a esse amor. Ao presenciar essa situação com a minha avó, achei que seria interessante trazer o debate para o público, principalmente o infantil. Acredito ser importante estimular as crianças a pensarem em sua relação com o outro desde cedo, principalmente com os mais velhos, e nos benefícios e



FOTO: D. WILSON

dificuldades que cada etapa da vida traz. Nesse sentido, o mundo das plantas que a Bá traz consigo – que, aliás, foi inspirado na paixão real de minha avó – ensina Bruno sobre o ciclo da vida. O nascimento, o crescimento, o envelhecimento e a morte são etapas inescapáveis da vida.

Durante a realização do filme, a produtora de elenco, Julia Medeiros, a produtora executiva, Taís Nardi, e eu fizemos inúmeros testes em busca, principalmente, dos atores que interpretariam o Bruno e a Bá. Julia descobriu o pequeno e estreante Henry Jun Kanashiro, que na época das filmagens tinha apenas 5 anos. Já a Bá foi um processo mais longo, pois eu buscava uma autenticidade que parecia difícil de encontrar. Até que, depois de muito procurar, acabei sugerindo à produtora que chamássemos a minha *Batchan*, Dona Yuriko Miamoto Shimata, para um teste de câmera. Apesar do receio inicial – afinal, ela não era atriz –, o teste revelou que não havia melhor Bá para interpretar a Bá. Foi assim que minha avó virou protagonista de cinema. Dirigir o Jun e a minha avó, além do restante do elenco, formado pelos experientes Fabio Yoshihara (o pai) e Lumi Kin (a mãe), e pela estreante Letícia Aya (a irmã), foi um grande prazer. Claro que foi preciso tomar alguns cuidados

para dirigir uma criança pequena e uma senhora idosa, principalmente para garantir seu bem-estar durante as filmagens, que podem ser exaustivas. Mas contamos com uma equipe de grande profissionalismo, que acolheu nossos estreantes de forma bastante carinhosa.

O processo de realização do filme foi um grande aprendizado, pois me fez refletir sobre a minha família, a futura velhice dos meus pais e, inclusive, a minha. O filme, que até agora já rodou cerca de 70 festivais no Brasil e no exterior, e recebeu cerca de 20 prêmios, teve sua estreia no Festival de Cinema de Gramado em 2015, quando foi contemplado com o Prêmio de Melhor Curta pelo Júri Popular. Quando da participação do *Bá* no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, também em 2015, fiz questão de levar minha Bá e o Jun para apresentarem o filme comigo e presenciarem a reação dos espectadores. Foi um grande prazer ver o público reconhecê-los no final da sessão e ouvir das pessoas, principalmente das crianças, o quanto o filme as fez lembrar de suas relações com suas próprias avós.

**LEANDRO TADASHI** é roteirista e diretor do curta-metragem *Bá*, selecionado no Edital Curta Criança de 2013.



## O CINEMA COMO ENFRENTAMENTO AO RACISMO E À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

**A IDEIA DE REALIZAR O** filme *Òrun Àiyé: a criação do mundo* surgiu de uma forma despretensiosa e natural, em um encontro de colegas da faculdade. Jamile Coelho e Thyago Bezerra, que viriam a ser diretora e roteirista da animação, já se conheciam e, com o tempo, foram despertando o desejo de adentrar um pouco mais no universo artístico um do outro. Quando Jamile viu as esculturas de orixás feitas por Thyago, teve a ideia de fazer um filme com elas e, algum tempo depois, ele lhe enviou uma proposta de história.

Quando ela recebeu o roteiro, foi amor à primeira vista! A história trazia as narrativas orais de Yá Mukumby Vilma Santos (íyalorixá e uma das líderes do movimento negro em Londrina [PR]) sobre como os orixás interagiram entre si para criar o mundo e os seres humanos. Jamile e Cintia Maria, a segunda diretora do filme, viram ali uma oportunidade linda de fazer um trabalho que, para elas, era extremamente necessário.

### ÒRUN ÀIYÉ

FICÇÃO | 12 MIN | 2016

Selecionado no Edital Curta Afirmativo de 2012

**SINOPSE:** *Òrun Àiyé* mostra a jornada de Oxalá para cumprir a sua missão, a criação do mundo. A animação é narrada pela figura do griô, representado pelo historiador Ubiratan Castro (1948-2013), carinhosamente chamado de Bira, que conduz a descoberta de sua neta Luna à memória viva que é o continente africano.

Os deuses Olodumaré, Orunmilá, Oduduwa, Exú e Nanã têm papel fundamental para o desfecho dessa história.

As duas pensaram em criar um filme para crianças que pudesse, de alguma forma, ser uma ferramenta no combate ao racismo e à intolerância religiosa. Uma luta árdua, que precisa diariamente dos esforços de todos e que deve estar inserida em todos os espaços. Elas tinham a chance de utilizar a ludicidade da sétima arte para alcançar os públicos infantil e adulto e foi o que fizeram, com muita sensibilidade e respeito pelo tema que escolheram abordar.

A partir daí, houve um processo de extensa pesquisa, de descobertas e de produção muito delicada, pois Jamile e Cintia ousaram ao escolher utilizar bonecos de silicone e esqueletos complexos, além de cenários com escalas hollywoodianas, coisa que ainda não tinha sido feita na Bahia. Para ajudá-las nesta missão, montaram uma equipe harmônica e qualificada, ciente de todos os desafios, mas disposta a resolver todos os problemas.

A primeira dificuldade foi justamente acreditar que era possível fazer um curta de animação dessa dimensão em *stop motion*, ideia que surgiu após conversas com profissionais experientes. As diretoras procuraram o produtor do filme *Minhocas* (primeiro longa brasileiro em *stop motion*), além de Barry Purves (o animador em *stop motion* mais premiado no mundo), e ambos disseram que o projeto era impossível. Tinha personagem demais, cenário demais, tudo era muito exagerado e os recursos, limitados.

A segunda dificuldade foi encontrar profissionais na Bahia que pudessem trabalhar com a técnica. Como eles não existiam, elas buscaram os melhores profissionais em suas respectivas áreas. Foi necessário, então, um tempo significativo de estudo e muitos testes para fazer a adaptação de outras técnicas para o *stop motion*.

O set de filmagem foi um ambiente colaborativo, coletivo e amigável, fatores determinantes para que todos pudessem superar os desafios de fazer um filme com as especificidades desse tipo de animação. Dois aspectos foram marcantes no processo: a união para superar os obstáculos e a abnegação da equipe. Embora as pessoas geralmente imaginem que fazer um filme de curta duração seja uma tarefa simples, a experiência

com *Orun* prova o contrário. Foram, ao todo, 45 profissionais envolvidos, 445 dias de produção e 25 mil fotografias para chegar ao resultado final: um curta-metragem de 12 minutos.

No filme, há também uma homenagem a uma personalidade importante e querida, com quem a diretora Cintia Maria teve a oportunidade de manter contato próximo durante anos: o professor e historiador baiano Ubiratan Castro de Araújo. Figura carismática e exímio contador de histórias, ele dedicou sua vida às causas da promoção da igualdade racial e do combate à intolerância religiosa. Ubiratan é o grão de *Orun*, que conta para a neta Luna a história da criação do mundo a partir da cultura iorubá.

Após esse roteiro, surgiram outras e outras histórias e *A criação do mundo* acabou se tornando o episódio piloto de uma série. O primeiro episódio, *As águas de Oxalá*, conta como a garotinha Luna dribla as dificuldades para encontrar livros sobre a mitologia africana, tema escolhido por ela para apresentar um trabalho na escola.

Cintia e Jamile acreditam que o cinema deve servir a algo maior que a própria arte. Devido ao seu caráter afirmativo e à contribuição para a construção do conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileiras, a série constitui uma ferramenta paradigmática com toda a potência lúdica que o audiovisual traz, atendendo às propostas curriculares do ensino básico incluídas na Lei de Diretrizes e Bases pela Lei nº 10.639/2003.

Produzido com muita dedicação e com o apoio de pessoas especiais, *Orun* estreou em Salvador no início de 2016 com cinco sessões lotadas e já foi selecionado e premiado em diversos festivais no Brasil e no exterior. A melhor recompensa, no entanto, é o reconhecimento das pessoas, que comparecem às sessões, procuram as diretoras para falar sobre o filme e que, de alguma forma, se identificam e se sentem tocadas pela história.

**AMANDA JULIETA** é assessora de comunicação da *Estandarte Produções*, produtora do filme *Orun* Ìyè.



## POR MAIS PRINCESAS NEGRAS

**FÁBULA DE VÓ ITA NASCE** do desejo de suas realizadoras de contar a história de uma princesa de forma não usual. Na época, lemos a matéria “Escola para meninas ensina modos de princesa”, de autoria de Stela Masson. A notícia, que viralizou na internet, descrevia o cotidiano da Escola de Princesas, na cidade de Uberlândia (MG): “Coroas de vários tipos e tamanhos decoram a sala de chá, a suíte da princesa, o quarto onde ela se veste e maquia e outros espaços. Lá, princesas assistem a filmes, ouvem histórias, aprendem culinária, costura, noções de etiqueta e princípios humanos”<sup>1</sup>.

Na foto do texto, quatro meninas brancas, com idade entre 8 e 10 anos, sorriem com suas tiaras de princesas sobre os cabelos lisos, em um quarto com móveis e paredes rosa. A partir da matéria, eu e Thallita Oshiro iniciamos uma série de questionamentos: qual a representação étnico-racial de uma princesa, quais são seus padrões de comportamento e qual a construção imagética em volta dessas personagens? Assim nasceu Gisa, personagem principal do filme, menina negra de cabelos crespos *black power* que, ao longo da narrativa de *Fábula de Vó Ita*, descobre que é uma princesa.

### FÁBULA DE VÓ ITA

FICÇÃO | 7 MIN | 2016

*Selecionado no Edital Carmen Santos de Cinema de Mulheres de 2013*

**SINOPSE:** Após sofrer racismo na escola, Gisa chega triste em casa. Sua avó Ita resolve então lhe contar uma fábula sobre uma jovem princesa negra e seu processo de aceitação e descoberta de suas origens. Como dizer a uma criança que há beleza em todas as etnias? Que ser diferente não é ruim? Esta é a resposta que a fábula contada por Vó Ita tenta trazer à sua pequena neta Gisele por meio de um universo fantasioso e lúdico, que nada mais é do que a projeção do nosso próprio mundo.



FOTO: D. WILKINSON

Na fábula, Gisa mora em um reino onde não há ninguém como ela e sofre discriminação por isso. Seu cabelo muda de forma diversas vezes, de acordo com o seu humor. A fim de se tornar semelhante aos demais, ela busca a Bruxaleira, que deixa seu cabelo uniforme e imóvel. Paralela à história de Gisa, está a de sua mãe, a Rainha Andrea, também negra de cabelos crespos *black power*, que também se transformam de acordo com seu humor. A Rainha busca pela filha há muitos anos e é a sua chegada no reino de Gisa que fará a menina se identificar com a mãe e descobrir que é uma princesa.

Toda a fábula é contada por Vó Ita (Ana Fulô), mulher negra, sexagenária, a neta Gisele (Tekka Flor), imagem e semelhança de Gisa, e ao seu amiguinho Zinho (Kauan Alvarenga). A fábula criada pela “Vó” constrói o percurso para que Gisele consiga se enxergar como uma princesa e se sentir valorizada em sua ancestralidade e identidade negras.

O percurso da personagem se assemelha ao percurso da própria atriz que a interpreta, Tekka Flor, que, na época das filmagens, tinha oito anos. Ela, ao lado de Kauan Alvarenga, compuseram o casting infantil do filme, e foram selecionados entre 30 atores e crianças

negras. A ficção era novidade para ambos, assim como a direção de atores mirins era novidade para nós enquanto diretoras. Aprendemos com eles a respeitar o tempo e a personalidade de cada criança na construção de suas personagens.

Kauan já reunia todas as características de Zinho, que no momento de *Fábula* (animação) é o gatinho amigo de Gisa, sempre muito extrovertido e falante. A direção esteve muito atenta à sua expressão corporal, entonação e pronúncia de falas. Incentivamos uma aproximação entre ele e Tekka, o que despertou uma amizade que permanece até hoje.

O núcleo familiar principal: Gisele (Tekka Flor), Andrea (Gabee Conceição) e Vó Ita (Ana Fulô) impôs à direção o desafio de estabelecer laços afetivos entre três mulheres negras de diferentes gerações e históricos familiares. O que ficou claro ao longo do processo de realização do curta é que as situações de racismo se repetem e, assim como Gisele sofre no filme, Tekka, Gabee e Ana sofreram também. As dificuldades enfrentadas por Ana Fulô na criação de duas filhas são as mesmas dificuldades enfrentadas por Gabee e Isabel Salvino (mãe de Tekka Flor). Neste contexto social, a identificação entre as atrizes se

## REFERÊNCIAS

1. Matéria publicada na Folha de São Paulo em 28/07/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1317885-escola-para-meninas-ensina-mo-dos-de-princesa.shtml>>.

estabeleceu de forma fluida – não diremos natural, pois situações de racismo não devem ser naturalizadas.

Me recorde de uma proposta de preparação de elenco, na qual Tekka foi posicionada entre Gabee e Ana; “Mãe” e “Vó” lhe disseram quais eram suas qualidades, belezas, porque a admiravam e o que sonhavam para o seu futuro. Tekka se emocionou, assim como as outras atrizes. A mesma ação ocorreu entre Ana Fulô e Gabee Conceição, que se elogiaram, narraram suas admirações mútuas e ressaltaram suas qualidades. Ao final, Tekka contou um segredo apenas para sua “Mãe” e “Vó”. Até hoje não sei o que foi dito, permanece a curiosidade.

A identificação entre atrizes de gerações tão distintas reforça nossa necessidade de expor na tela os efeitos do racismo em nossa formação subjetiva (pessoa negra) e objetiva (sociedade brasileira). O processo de procura e preparação de elenco foi fundamental para ampliar nossas percepções quanto à temática a que estávamos nos referindo. É incrível lembrar da sala de espera nos testes de elenco onde as/os responsáveis pelas atrizes e atores mirins compartilhavam suas experiências e relatavam as situações de racismo sofridas por elas na infância, por suas filhas/filhos e por suas netas/

netos. O encontro fortaleceu todos em suas caminhadas pela afirmação e defesa de sua identidade negra.

Há muitas outras memórias e aprendizados, mas penso que o que carrego de mais forte comigo de todo o processo de *Fábula de Vó Ita* é um diálogo com Tekka Flor, mais ou menos assim:

Joyce: “Tekka, o que você pensa quando diz a frase ‘Mas, Vó, não tem princesa assim’ (fala da personagem de Tekka no roteiro)?”

Tekka: “Penso que sou uma princesa, mas todos querem me fazer pensar que eu não sou.”

Tekka me disse isso emocionada e, naquela hora, me senti muito impotente ao perceber que o “assim” é igual a “negra” e que o “todo mundo” é a nossa sociedade racista, que naturaliza a ausência de crianças e pessoas negras no cinema infantil ou em qualquer outra vertente de produção cinematográfica. A representatividade e o protagonismo negros no cinema e nas demais artes se configuram cada vez mais urgentes e necessários.

**JOYCE PRADO** é diretora, juntamente com *Thallita Oshiro*, do curta-metragem *Fábula de Vó Ita*.